

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-359>

Data de submissão: 21/11/2024

Data de publicação: 21/12/2024

Antônio Ribas Reis

Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7298495479994264>

Everton Manuel Nonato

Mestre em Administração pelo Centro Universitário Unihorizontes

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6017956908003914>

Jerisnaldo Matos Lopes

Pós-doutor em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação – PROFNIT

(IFBA)

Orcid: orcid.org/0000-0002-3921-3631

Joabson Lima Figueiredo

Doutor em Doutorado em Letras e Linguística. (UNEB)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6093546030106258>

Thaís Pinto da Rocha Torres

Doutora e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Orcid: orcid.org/0000-0001-9920-0472

RESUMO

Aderência à linha de pesquisa: este estudo seguiu a Estratégia, Inovação e Competitividade que abordaram o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a forma como uma escola da rede pública trabalha para Ensinar a Educação Financeira aos jovens e adultos. Foi questionada qual a avaliação do conteúdo sobre educação financeira explorado na EJA de uma escola pertencente à rede pública estadual de Belo Horizonte, Minas Gerais, na perspectiva dos professores e dos alunos. Objetivo: analisar os critérios explorados nas atividades didáticas de uma escola da rede pública de Belo Horizonte, Minas Gerais, em relação à Educação Financeira no EJA, na perspectiva dos professores e alunos da Escola Estadual Três Poderes sobre o desenvolvimento dos estudantes em conhecimento financeiro e gestão das suas finanças. Teorias: foram apresentados os pressupostos teóricos acerca da educação e alfabetização financeiras; a educação financeira; a inclusão financeira; e a formação, gestão de risco, inovação e desempenho no cotidiano das pessoas, além da cultura da educação financeira no contexto da EJA, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Métodos: foi adotada a metodologia da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo, que contou com a aplicação de questionários estruturados para compreender a proposta das atividades relacionadas à Educação Financeira ministrada aos alunos da EJA de uma escola estadual tomada como estudo de caso. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professores, para saber a percepção deles sobre o que é explorado nas aulas envolvendo a educação financeira e a receptividade dos alunos. Ao combinar a análise de dados quantitativos dos questionários estruturados dos alunos com a análise qualitativa das entrevistas semiestruturadas dos professores, foi possível obter uma visão mais abrangente sobre a importância da disciplina Educação Financeira. Resultados: os

alunos, em sua maioria, consideram as aulas de Educação Financeira úteis, mas muitos sentem que os conteúdos abordados ainda são insuficientes para que possam aplicar efetivamente o que aprendem em suas vidas financeiras. Os professores acreditam que o conteúdo explorado em sala de aula cobre os aspectos essenciais da educação financeira, mas reconhecem que os desafios enfrentados pelos alunos fora da escola limitam a eficácia desse ensino. Também foi destacada a importância de uma formação continuada dos professores para que possam atualizar e diversificar suas abordagens pedagógicas, adaptando-as às necessidades específicas dos alunos da EJA.

Palavras-chave: Educação Financeira, EJA, Escola Pública.

1 INTRODUÇÃO

Atividades como administrar dinheiro, poupar, gastar e priorizar tarefas são essenciais no cotidiano. Klapler e Lusardi (2020) enfatizam que, na aquisição de produtos, a qualidade e as características são fatores decisivos. Essas ações podem estar relacionadas aos conceitos de “Gestão” e “Administração”, que, embora diferentes, têm conexão com a rotina das pessoas. O artigo reforça que a Educação Financeira tem uma influência positiva e significativa na inclusão financeira dos indivíduos, promovendo sua autonomia e capacidade de gerenciamento de recursos, tomar decisões conscientes e lidar com desafios econômicos.

O enfoque deste artigo é compreender o nível de aceitação e aplicação dos conhecimentos relacionados à Educação Financeira para os alunos das turmas de EJA na realidade de uma escola pública tomada como referência, a Escola Estadual Três Poderes, pertencente à Superintendência Regional de Ensino – Metropolitana C, no município de Belo Horizonte.

Segundo Kaiser e Menkhoff (2020), ao analisar os efeitos da implementação de programas de Educação Financeira na escola objeto do estudo de caso, busca-se saber em qual situação se encontra o desenvolvimento dos alunos em três dimensões fundamentais, como: conhecimento financeiro, comportamento econômico e habilidades de gestão financeira.

Este artigo é resultado de uma pesquisa financiada pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), demonstrando o compromisso da SEE-MG em promover educação de qualidade e adaptada às necessidades dos alunos, especialmente na modalidade da EJA. A implementação de programas de Educação Financeira na Escola Estadual Três Poderes, em parceria com a SEE-MG, destaca a importância atribuída pela referida Secretaria ao desenvolvimento das habilidades financeiras dos alunos como parte integrante de sua formação educacional, como destacado por Melo (2019). Os resultados deste estudo têm o potencial de orientar políticas educacionais futuras da SEE-MG, contribuindo para o fortalecimento dos currículos escolares e aprimoramento das práticas pedagógicas em todo o estado, como visto em Luz, Ayres e Melo (2019).

Vale também destacar que a relação entre a Educação Financeira na EJA e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) é uma conexão significativa que busca promover a inclusão, a redução de desigualdades e a sustentabilidade econômica. A Educação Financeira para alunos da EJA pode contribuir para diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, ajudando a alcançá-los.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A Educação Financeira na América Latina tem história tão antiga quanto os próprios países. Seus primeiros anos, no entanto, foram inteiramente informais. Ainda, conforme o que relata Accorsi et al. (2018), as escolas não ofereciam aulas de finanças pessoais e não existiam profissões que hoje fornecem alfabetização financeira para as pessoas em geral.

Durante esse período, dicas sobre gerenciamento de dinheiro podem ter vindo dos pais, amigos ou mentores profissionais. Um dos primeiros registros desse tipo de educação em finanças pessoais ocorreu no ano 1737 nos Estados Unidos, EUA, com Benjamin Franklin quando tinha 31 anos de idade e recentemente se destacara escrevendo e publicando um almanaque anual. Na edição daquele ano, ele escreveu uma coluna intitulada “Dicas para quem quer ser rico”. Nele, ele assinou com um conselho financeiro: “Um centavo economizado é dois centavos de desconto” (Flores, 2023, p. 18).

Nos Estados Unidos, país de referência na literatura quando se trata de Educação Financeira, faz-se referência à Lei Smith-Lever, que estabeleceu o conceito de Educação Financeira formal quando o Serviço de Extensão Cooperativa foi criado para oferecer programas de extensão para educar os americanos rurais sobre uma série de tópicos – dentre eles finanças pessoais (Cherobim, 2020).

Já o Brasil tem histórico ruim em estabelecer padrões de Educação Financeira, embora o conceito e sua importância como habilidade para a vida tenham sido compreendidos desde os primórdios da civilização (Teixeira, 2015).

No século XIX, a alfabetização financeira ainda carecia de um local para instrução formal. No entanto, a gestão do dinheiro era tão importante quanto nos últimos anos, e os registros mostram as primeiras tentativas de Educação Financeira (Negri, 2020).

Um exemplo da época vem do exterior, com James Gilbert, gerente do London & County Bank. Gilbert trabalhou como autor de finanças pessoais e, em 1849, publicou um artigo intitulado “Conselhos de dez minutos sobre como manter um banqueiro”. Nele, ele detalhou as vantagens de abrir uma conta bancária e explicou o processo para quem pode se sentir intimidado por isso. Gilbert publicou extensivamente, escrevendo para seus colegas banqueiros, bem como para o público em geral. Ele acreditava que todos – não apenas os ricos – deveriam ter uma conta bancária e se esforçava para educar o público sobre o sistema bancário e seus benefícios (Buss & Amorim, 2020).

Ramon e Trevisan (2019) mencionam que, em 2003, a Comissão de Alfabetização e Educação Financeira, nos EUA, foi estabelecida e, posteriormente, lançou uma estratégia nacional para Educação Financeira. Os americanos comemoram em abril o Mês Nacional de Conscientização sobre

Alfabetização Financeira. Além disso, o presidente George W. Bush assinou uma ordem em 2008, que criou um conselho consultivo sobre alfabetização financeira.

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

A Educação Financeira no Brasil tem evoluído ao longo dos anos, refletindo mudanças na sociedade, na economia e no sistema educacional. O país está em 3º lugar em pesquisa sobre inclusão financeira em países em desenvolvimento, para o que foi preciso, considerando os percentuais sobre o compromisso do país com a inclusão financeira, capacidade móvel, ambiente regulatório e adoção de serviços financeiros; sendo também necessário explorar a história e o conceito de Educação Financeira no Brasil para entender como se chegou ao cenário atual (Schotten et al., 2020).

Kistemann Jr. e Xisto (2024) relatam que a Educação Financeira no Brasil começou a ganhar destaque a partir da década de 2000, quando o crescimento econômico e a ampliação do acesso ao crédito fizeram que as questões financeiras se tornassem mais relevantes para a população. Anteriormente, havia pouca ênfase em ensinar habilidades financeiras nas escolas ou em outros espaços educacionais.

Naquela década, com o aumento do acesso ao crédito e do consumo, começaram a surgir preocupações sobre o endividamento excessivo dos brasileiros. Isso levou ao surgimento de iniciativas para promover a Educação Financeira, tanto por parte do governo quanto por instituições privadas e organizações não governamentais.

No ano 2008, o Banco Central do Brasil lançou o Programa Nacional de Educação Financeira (Pronef), com o objetivo de disseminar conhecimentos financeiros e promover uma cultura de planejamento e organização financeira entre os brasileiros. Esse programa assinalou um marco importante na institucionalização da Educação Financeira no país (Hurtado & Freitas, 2020).

Em 2010, foi criado o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), uma parceria entre órgãos governamentais e instituições privadas para desenvolver estratégia nacional de Educação Financeira. O CONEF coordena e orienta ações para a implementação da Educação Financeira em todo o Brasil, e no ano 2013 foi lançada a ENEF, uma iniciativa abrangente para promover a Educação Financeira no Brasil, incluindo ações em escolas, no sistema financeiro e em outras áreas da sociedade. A ENEF propõe a inclusão da Educação Financeira no currículo escolar, assim como a promoção de eventos e atividades de conscientização para o público em geral (Santos, 2018).

2.3 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA A POPULAÇÃO

A Educação Financeira deve ser um processo contínuo desde a infância até a idade adulta. Infelizmente, nem mesmo as instituições de ensino parecem reconhecer esse fato, em que muitos supõem que as pessoas de alguma forma aprenderão sobre dinheiro por conta própria. É preciso haver mudança de paradigma quando se trata de Educação Financeira (Accorsi et al., 2018).

De acordo com Flores (2023), a importância da Educação Financeira para os jovens não pode ser subestimada. Não há nada tão perigoso quanto um jovem analfabeto financeiramente. Alguém que não tem ideia de como administrar suas finanças pode facilmente cair em várias armadilhas financeiras sem saber.

Geralmente, é difícil corrigir decisões ruins em relação às finanças – pode levar vários anos para fazê-lo. Ensinar aos jovens sobre dinheiro desde cedo lhes transmitirá conhecimentos e habilidades vitais que os ajudarão a tomar decisões informadas quando se trata de assuntos financeiros. Da mesma forma, a educação sobre dinheiro deve ter a mesma prioridade que outras disciplinas. Os jovens e adultos precisam ser capacitados sobre o dinheiro e como ele funciona (Buss & Amorim, 2020).

Campos (2021) aponta que as estatísticas indicam que os jovens que nunca receberam educação adequada sobre finanças acabam se tornando adultos irresponsáveis, principalmente em questões financeiras. Eles não sabem como investir, não conseguem economizar dinheiro suficiente para comprar uma casa e, muitas vezes, têm uma pontuação de crédito muito baixa. Esses comportamentos são contrários aos dos adultos que aprenderam sobre gerenciamento de dinheiro quando eram jovens. Essas pessoas são capazes de tomar decisões financeiras informadas na vida adulta simplesmente porque tiveram base financeira sólida na juventude.

Negri (2020) afirma que, para um jovem alfabetizado financeiramente, torna-se um pouco mais fácil manobrar e sair da situação em comparação com alguém analfabeto financeiramente. Há muitos benefícios obtidos por ser financeiramente alfabetizados, e Flores (2023) ressalta a ajuda em compreender o valor do dinheiro. Quando se entende o valor do dinheiro, tem-se maior capacidade de lidar melhor com as finanças. Pode-se conhecer a importância de orçar, poupar e evitar gastos desnecessários.

A integração da Educação Financeira na proposta pedagógica da EJA, de acordo com Viana, Silva e Rufino (2023), oferece uma infinidade de benefícios tanto para estudantes quanto para instituições. Fornece aos alunos as ferramentas práticas necessárias para gerir as suas finanças de forma eficaz. Quando os alunos têm conhecimento financeiro, eles podem tomar decisões informadas sobre empréstimos, levando a menores taxas de inadimplência, conhecimento sobre serviços bancários, o

mercado, possibilidades de gestão financeira pessoal, familiar, entre outros. Também reduz o estresse e a ansiedade relacionados a dívidas, criando um ambiente melhor para a tomada de decisões na vida cotidiana.

2.4 O ENSINO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS

O ensino da Educação Financeira nas escolas do Brasil é uma iniciativa que ganhou destaque nos últimos anos, especialmente devido ao reconhecimento da importância de preparar os jovens para os desafios financeiros da vida adulta. É preciso analisar a evolução do ensino da Educação Financeira nas escolas brasileiras e como essa iniciativa está sendo implementada (Goyal & Kumar, 2021).

Em que pese a BNCC, a partir de 2017, com sua aprovação, a Educação Financeira começou a ser integrada aos currículos escolares como parte do ensino de Matemática e outras áreas do conhecimento. A BNCC estabelece as competências e habilidades essenciais que todos os alunos devem adquirir ao longo de sua trajetória escolar, e a inclusão de Educação Financeira reflete a necessidade de preparar os estudantes para lidar com questões financeiras em sua vida cotidiana (Santos, 2018).

A formação de professores é um aspecto de suma importância para a implementação bem-sucedida da Educação Financeira nas escolas. Investimentos na formação do docente, programas de capacitação e treinamento têm sido desenvolvidos para ajudar os professores a entenderem os conceitos-chave de Educação Financeira e a incorporá-los em suas aulas (Santos, Santarosa & Ferrão, 2021).

Segundo Araújo, Silva e Gomes (2023), o desenvolvimento de materiais didáticos específicos para a Educação Financeira tem sido parte importante da implementação dessa rotina de ensino da disciplina nas escolas. Organizações governamentais e privadas, bem como o sistema escolar, têm produzido livros, apostilas e outros recursos para auxiliar os professores no ensino de Educação Financeira na forma de parcerias.

2.5 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO ELEMENTO TRANSFORMADOR

Os ambientes econômico e social no âmbito em que os indivíduos tomam decisões de acordo com as finanças mudam cada vez mais rápido. E nesse limiar Ramon e Trevisan (2019) defendem a responsabilidade por decisões financeiras e a segurança no futuro serem transmitidas pela família e pela escola. Ao longo da vida, a Educação Financeira mostra a extensão da informação que os indivíduos têm de receber e avaliar como elemento cada vez maior.

Verifica-se maior domínio de Educação Financeira do que apenas saber como tomar decisões financeiras sábias. É mais sobre ser capaz de usar esse conhecimento e aplicá-lo a cenários cotidianos. A alfabetização financeira afeta todos os aspectos da vida: desde a criação de orçamentos até a poupança, a contratação de um empréstimo e o investimento. No entanto, muitos alunos não conhecem ou têm menos exposição à literacia financeira (Martins, 2019).

Existem outras razões pelas quais o analfabetismo financeiro está aumentando. Esse contexto advém da ausência de exposição à Educação Financeira no início da vida, que depois se espalha para as próximas gerações. As crianças que não foram expostas a tópicos de Educação Financeira na escola se tornam adultos que não têm forte compreensão sobre conhecimentos financeiros. Eles, então, se tornam pais, chefes ou professores para a próxima geração de crianças, continuando o ciclo (Bavaresco, 2021).

A Educação Financeira capacita indivíduos a tomar decisões informadas sobre seu dinheiro, permitindo que eles ganhem mais autonomia em suas vidas. Quando as pessoas compreendem conceitos como orçamento, poupança, investimento e planejamento financeiro, elas se tornam mais capazes de alcançar suas metas, reduzir o estresse financeiro e construir um futuro estável (Hurtado & Freitas, 2020)

2.6 EJA no Brasil

A EJA é uma modalidade de ensino no Brasil projetada para atender pessoas que, por diversos motivos, não completaram a educação básica no tempo convencional. O objetivo da EJA é oferecer uma nova oportunidade para que esses indivíduos possam concluir seus estudos, desenvolver habilidades e avançar em suas carreiras ou objetivos pessoais (Hurtado & Freitas, 2020). As idades dos alunos podem variar bastante, desde adolescentes que interromperam a escolaridade até adultos mais velhos que nunca tiveram a chance de estudar. A EJA geralmente tem duração reduzida em comparação com o ensino regular, permitindo aos alunos concluírem cada etapa mais rapidamente.

Um dos aspectos centrais da EJA é a flexibilidade nos horários das aulas. As aulas normalmente acontecem à noite, permitindo que os alunos possam trabalhar ou cuidar de suas responsabilidades durante o dia. A EJA é destinada a pessoas com idades variadas, geralmente a partir de 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para a EJA. É comum encontrar pessoas de todas as idades em uma mesma turma (Cherobim, 2020).

Os estudantes da EJA vêm de diferentes contextos, como trabalhadores, donas de casa, idosos ou pessoas que interromperam seus estudos para trabalhar ou cuidar de familiares. Os propósitos dos alunos da EJA são distintos: desde conseguir o diploma para melhorar suas oportunidades de emprego;

ingressar no ensino superior ou realizar o sonho de completar a educação básica; e, em qualquer dos objetivos, a Educação Financeira precisa ser ensinada dentro de uma abordagem Educacional e Metodológica.

Conforme a organização não governamental Futura (2022):

“Com a pandemia e o agravamento da desigualdade social, houve um aumento da evasão escolar. As matrículas da EJA tiveram uma queda de 7,7% em 2020. Foram cerca de 579 mil matrículas a menos do que em 2019. Em 2021, a quantidade de alunos matriculados continuou em queda: 1,3% a menos em relação a 2020, chegando a 3 milhões de matrículas em 2021. Os dados são do Censo Escolar da Educação Básica, divulgado pelo Inep. Essa queda no último ano ocorreu de forma similar nas matrículas da EJA de nível fundamental e de nível médio, que demonstraram redução de 1,4% e 1,2%, respectivamente (p. 11).”

A metodologia da EJA geralmente é adaptada para atender às necessidades dos alunos adultos, com foco em atividades práticas e conhecimentos que podem ser aplicados no dia a dia. A EJA segue a premissa do respeito pela experiência dos alunos; valoriza as experiências de vida dos alunos e busca integrá-las no processo de aprendizagem. Os professores são treinados para trabalhar com uma população diversificada e respeitar o conhecimento prévio dos alunos (Silva, 2022).

A EJA no Brasil desempenha papel crucial ao ofertar a possibilidade para aqueles que não puderam completar sua educação no tempo convencional. Ao oferecer flexibilidade, metodologia adaptada e respeito pela experiência dos alunos, a EJA segue atendendo uma população diversificada e contribui para uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, para que a EJA alcance todo o seu potencial, é preciso superar os desafios como a evasão escolar, a ausência de recursos e o reconhecimento social da importância dessa modalidade de ensino (Silva & Barbosa, 2022).

2.7 RELAÇÃO ENTRE EJA E A EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A ação da EJA é significativa e carrega um potencial transformador, em que a disciplina da Educação Financeira se mostra como ferramenta fundamental para a capacitação de indivíduos em qualquer etapa da vida. Contudo, ela assume importância ainda maior no contexto da EJA, em que os alunos podem estar retomando seus estudos após um longo período fora do ambiente escolar e, muitas vezes, se veem diante de desafios financeiros na vida cotidiana (Cherobim, 2020).

Xisto (2020) assinala que a capacitação para a vida real envolve o fato de que muitos alunos da EJA têm responsabilidades financeiras mais expressivas, como trabalho, família e contas a pagar. A Educação Financeira oferece habilidades práticas para gerenciar orçamento, poupar dinheiro e planejar o futuro. Essas habilidades são diretamente aplicáveis à vida dos estudantes da EJA.

Quando se fala em redução do endividamento e estresse financeiro, fala-se em Educação Financeira para ajudar os alunos da EJA a evitar o superendividamento e ceder a investimentos sem

estudos prévios, práticas financeiras predatórias e compras compulsivas. Desse modo, têm-se alguns exemplos do que contribui para uma vida financeira mais saudável e reduz o estresse relacionado a problemas econômicos (Cherobim, 2020).

A Educação Financeira pode capacitar os alunos a tomar decisões mais informadas sobre suas finanças, promovendo a autonomia e a capacidade de traçar objetivos financeiros pessoais. Assim, tem-se uma medida que pode auxiliar quem está voltando a estudar para melhorar sua situação econômica e de renda. A Educação Financeira pode ser integrada ao currículo da EJA como parte das disciplinas ou como matéria separada. Para tanto, ampara-se no ensino de Matemática, Ciências Sociais, ou como um componente transversal, aplicando conceitos financeiros a várias áreas de estudo (Schotten et al., 2020).

A EJA exige métodos de ensino adaptados às necessidades dos alunos adultos, que podem ter menos tempo disponível e diferentes estilos de aprendizagem. A Educação Financeira deve ser ensinada de maneira prática e envolvente, com exemplos reais e atividades interativas (Cherobim, 2020).

A Educação Financeira pode ser uma via para a inclusão social e econômica, dando aos alunos da EJA a confiança e as habilidades esperadas para participarem mais plenamente da economia e da sociedade. Muitos alunos buscam essa modalidade de ensino para potencializar suas perspectivas de emprego. A Educação Financeira pode complementar essa busca, ensinando habilidades valiosas para o mercado de trabalho, como planejamento financeiro, empreendedorismo e gerenciamento de recursos. Desafios à elevada taxa de evasão na EJA pode ser uma dificuldade para a implementação da Educação Financeira. Estratégias para manutenção dos alunos engajados e mostrar a relevância da Educação Financeira para suas vidas são essenciais (Schotten et al., 2020).

Diversas escolas de EJA deparam-se com recursos limitados, o que pode afetar a capacidade de oferecer Educação Financeira de qualidade. Encontrar soluções criativas e parcerias para superar esse obstáculo é importante. A relação entre Educação Financeira e EJA é uma combinação expressiva que pode desencadear diversos benefícios para os alunos e para a sociedade como um todo. Ao capacitar estudantes adultos com habilidades financeiras, promove-se a autonomia, reduz/minimiza as chances de estresse financeiro, melhora-se a qualidade de vida e aumenta-se a inclusão social e econômica. Para que essa relação alcance seu potencial, é preciso investir em formação de professores, integração curricular e recursos adequados para a EJA (Vasconcelos, 2018).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO, ABORDAGEM E MÉTODO DE PESQUISA

Na escolha de métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa, considera-se que eles se mostram diretamente relacionados com o problema definido no estudo, com o objetivo e interesse da sua organização (Gil, 2019).

Segundo Vergara (2006), compreendendo as bases da investigação específica, há dois critérios básicos de pesquisa: quanto aos fins e aos meios, trata-se de pesquisa descritiva, uma vez que este estudo se alinha à definição dada por Gil (2019), ou seja, aquela adequada ao detalhamento teórico e expositivo dos temas de escolha, subsidiando o alcance dos objetivos delineados para o estudo. Nessa etapa ocorreu a revisão dos pressupostos teóricos acerca do assunto, como a importância da Educação Financeira na escola tomada como estudo de caso.

Portanto, a pesquisa, sendo descritiva, possibilitou a observação, o registro, a análise e a correlação de fatos ou fenômenos variáveis, sem a interferência do pesquisador. Deve-se destacar que o pesquisador assume a postura imparcial e de não interferir no objeto de pesquisa.

Foi dada abordagem quali-quantitativa pelo fato de empregar dados descritivos e de conteúdo provenientes das entrevistas semiestruturadas, tendo os dados estatísticos (na forma de índices percentuais) como centro do processo de análise do problema levantado. Tanto o questionário aplicado aos alunos quanto as entrevistas realizadas com os professores foram construídas com base nos eixos temáticos abordados pelos autores citados no Referencial Teórico.

Sendo assim, em relação aos meios de investigação foi realizada uma pesquisa de campo, no qual ocorre o fenômeno a ser estudado (a escola da rede pública tomada como estudo de caso), que contou com a aplicação de questionários estruturados aplicados aos alunos da EJA e das entrevistas aos professores da disciplina Educação Financeira.

3.2 UNIDADE DE ANÁLISE E SUJEITO DE PESQUISA

A unidade de análise deste estudo é o comportamento de autogestão financeira desenvolvido pelos alunos da EJA, a partir da cultura de Educação Financeira promovida pela Escola Estadual Três Poderes. Os sujeitos da pesquisa são os alunos matriculados na EJA da referida escola e os professores responsáveis pelas disciplinas que incorporam elementos de Educação Financeira em suas práticas pedagógicas.

A amostra desta pesquisa foi não probabilística, pelo fato de ser levantada por acessibilidade e por tipicidade, de acordo com as especificações e recomendações de Vergara (2006), constituída pela seleção de elementos que o pesquisador considerou representativos da população-alvo. Para a amostra

foram distribuídos questionários aos 87 alunos da EJA em que 73 questionários foram respondidos por alunos. Já as entrevistas foram aplicadas e respondidas por quatro professores da EJA, os quais ministram aulas de Educação Financeira.

3.3 TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Foram quantificadas as opiniões coletadas, os dados e outras formas de informações, para se obter uma solução sobre o fenômeno/problema com abordagem quantitativa e qualitativa. Conforme explica Bertucci (2008), a abordagem quantitativa é muito utilizada no desenvolvimento das investigações da relação de causalidade entre os fenômenos, ou seja, em situações de causa e efeito, que no caso deste estudo permitiu que as opiniões dos entrevistados sejam quantificadas e, a partir daí, mensuradas de acordo com os objetivos definidos.

Os dados quantitativos foram provenientes da tabulação dos questionários aplicados aos alunos, por meio físico, na sala de aula. A abordagem qualitativa foi dada aos dados coletados das entrevistas respondidas pelos professores. Foram consideradas as dificuldades que surgem ao tentar integrar a Educação Financeira ao contexto da EJA. Essa diversidade torna mais difícil criar abordagem única para a Educação Financeira e diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e contextos culturais, pois isso requer métodos de ensino adaptados às necessidades individuais.

Respeitando a dificuldade constatada por alguns alunos da EJA de usabilidade de formulários eletrônicos como o Google Forms, o questionário foi distribuído nas salas de aula na sua forma física, visando obter informações relevantes sobre o conhecimento, atitudes e comportamentos financeiros dos alunos, devido à sua ampla utilização pelos alunos da EJA, para que se possa alcançar maior taxa de resposta como assinala Vergara (2006).

O questionário continha perguntas de múltipla escolha (escalas de Likert) sugerido por Leitão (2021), abordando temas como conhecimentos básicos de finanças, práticas de planejamento financeiro, poupança, investimentos e hábitos de consumo. As respostas foram coletadas por meio do roteiro respondido e devolvido pelos participantes, consolidando os dados em uma planilha eletrônica (Excel).

A planilha foi revisada para remover respostas em duplicatas e respostas incompletas. Além disso, fez-se a verificação para garantir que todas as perguntas obrigatórias sejam respondidas. A análise estatística foi descritiva, sendo calculadas as medidas de tendência central (média, mediana, moda) e de dispersão (desvio-padrão) para as variáveis quantitativas. As frequências absolutas e relativas das respostas foram determinadas para todas as questões de múltipla escolha (Mineiro & Mazzer, 2020).

No roteiro de entrevista semiestruturada enviado aos professores, também por meio físico, foram considerados igual dinâmica de distribuição e o lembrete do período para as respostas. Por se tratar de respostas livres, a abordagem qualitativa foi codificada em categorias temáticas. As respostas qualitativas foram analisadas para identificar padrões e temas recorrentes (Gil, 2019).

Ao combinar a análise de dados quantitativos dos questionários estruturados dos alunos com a análise qualitativa das entrevistas semiestruturadas dos professores, isto é, mediante a estratégia de métodos mistos sugeridos por Vergara (2006) tem-se a possibilidade de alcançar uma visão mais abrangente sobre a importância da disciplina Educação Financeira. A análise quantitativa fornece a medida objetiva das percepções dos alunos, enquanto a análise qualitativa permite a compreensão mais profunda das experiências e opiniões dos professores. Juntas, essas análises fornecem reflexões valiosas para a melhoria do currículo e das práticas pedagógicas da Educação Financeira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os quatro professores da EJA na Escola Estadual Três Poderes entrevistados revela um cenário que reflete as transformações recentes e os desafios constantes na implementação da Educação Financeira, alinhando-se com a literatura acerca do tema.

Pode-se dizer que o curto período de experiência dos professores em ensino de Educação Financeira, iniciado em 2020 em razão da inclusão desse tema na BNCC, resultou em abordagens pedagógicas, mesmo em fase de adaptação, como cita Gonçalves (2019). A referida realidade é abordada na literatura como reflexo das recentes diretrizes educacionais, que exigem dos docentes integração eficaz dos conceitos financeiros em disciplinas como Matemática.

Como postula Lima (2022), essa adequação contínua é determinante para assegurar que os conteúdos sejam relevantes e acessíveis aos alunos da EJA, de acordo com o evidenciado por estudos que debatem a inclusão de novos conteúdos na grade curricular.

A oscilação na capacitação dos professores, desde cursos internos até especializações pessoais, enfatiza a busca por formação contínua, ainda que se tenham desafios quanto à qualidade e disponibilidade dessas formações. Cherobim (2020) destaca a importância de uma formação consistente para o ensino de Educação Financeira, um ponto que se alinha com as percepções dos professores entrevistados.

A lacuna na formação especializada sugere a necessidade de políticas educacionais que garantam uma capacitação mais uniforme e acessível, para que os professores possam desenvolver

competências adequadas para ensinar finanças, como citado por Vasconcelos (2018), Melo (2019) e Santos (2020).

Segundo Gonçalves (2019), a Educação Financeira na EJA, conforme também relatado pelos professores entrevistados, é predominantemente integrada nas aulas de Matemática, focando saúde financeira e gestão do dinheiro. Tal abordagem está alinhada aos princípios sugeridos por Campos (2021), que defende a importância de equipar os alunos com habilidades práticas para a autogestão financeira.

A centralização do conteúdo nas aulas de Matemática pode indicar uma metodologia que busca tornar o aprendizado relevante e aplicável ao cotidiano dos alunos, embora isso também possa limitar a interdisciplinaridade e a exploração de conteúdos da Educação Financeira mais amplos.

Os professores entrevistados observam que, mesmo com o interesse dos alunos em aprender acerca das finanças, principalmente no tocante aos temas práticos, como matemática e desafios econômicos, ocorrem dificuldades notáveis em áreas como cálculos financeiros e aspectos legais. Nesse limiar, Lima (2022) sugere que essas dificuldades podem ser abrandadas por metodologias didáticas mais acessíveis e práticas, apontando para a necessidade de inovação pedagógica e de materiais de apoio que tornem o conteúdo mais compreensível para os alunos da EJA.

Outros aspectos a serem analisados são a padronização da grade curricular e a necessidade de uma formação consistente em Educação Financeira, desafios esses mencionados pelos professores. O referido alinhamento curricular é essencial para garantir a formação eficaz e equitativa, como discutido por diversas evidências na literatura, como Santos (2020) e Lima (2022), que apontam a Educação Financeira como ferramenta de máxima importância para a formação de cidadãos conscientes e financeiramente responsáveis.

O destaque na preparação dos alunos para uma gestão financeira responsável, mediante o ensino de conceitos básicos como orçamento e poupança, é visto como essencial pelos professores. Essa abordagem é corroborada por Martins (2019) e Bavaresco (2021), que destacam a importância de ensinar finanças de forma que os alunos possam aplicar esses conhecimentos no dia a dia, melhorando suas perspectivas econômicas futuras.

Não obstante, os professores mencionaram projetos bem-sucedidos na Educação Financeira, como simulações gamificadas e parcerias com instituições financeiras. Esses projetos são vistos como práticas exemplares que complementam o ensino teórico, proporcionando aos alunos experiências práticas valiosas. A literatura de referência reforça a eficácia dessas iniciativas em tornar o aprendizado mais envolvente e aplicável, como visto em Kaiser et al. (2022).

Importa observar que as sugestões dos professores para melhorar o ensino de Educação Financeira na EJA, como capacitação contínua, desenvolvimento de materiais didáticos específicos e parcerias com instituições financeiras, refletem as necessidades apontadas por fontes acadêmicas. As citadas ações são percebidas como determinantes para preparar os alunos da EJA para uma gestão financeira autônoma e consciente, assegurando que a Educação Financeira cumpra seu papel transformador na vida dos alunos, como analisado por Martins (2019) e Santos (2020).

Além disso, a correlação entre as respostas dos professores e a literatura revela uma convergência na percepção dos desafios e na busca por soluções, indicando um caminho de aperfeiçoamento contínuo no ensino de Educação Financeira na EJA.

No que se refere aos resultados apresentados pelas respostas dos 73 alunos da EJA, em geral, pode-se dizer que revelam importantes reflexões no que diz respeito à percepção dos estudantes sobre a Educação Financeira. A análise a seguir correlaciona os dados com o perfil dos respondentes, dando uma visão detalhada sobre as demandas e eficácia das aulas de Educação Financeira.

Importante ressaltar que a maioria dos alunos se encontra no 3º período (41%), seguido pelo 2º (33,3%) e pelo 1º (15,4%), sugerindo maior permanência e progresso dos alunos à medida que avançam nos períodos, o que indica aumento do comprometimento com a conclusão da escolaridade básica, como reforçam Gonçalves (2019) e Kaiser et al. (2022).

O predomínio feminino entre os alunos respondentes, com 58,9%, pode significar maior participação de mulheres na EJA, podendo se relacionar com a retomada dos estudos após interrupções anteriores para dedicação à família. A maior parte dos alunos está na faixa de 31 a 50 anos (37,2%), seguida pela faixa de 51 anos ou mais (34,6%). A presença expressiva de adultos maduros reforça a premissa de que a EJA atrai, em especial, indivíduos que não puderam completar seus estudos na juventude, como citado por Campos (2020).

A maior parcela dos alunos (59,0%) possui renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, o que está condizente com as características socioeconômicas típicas dos estudantes da EJA. Como destaca Santos (2021), a baixa renda está geralmente associada à necessidade de qualificação para melhorar as condições de vida.

A maioria dos alunos vive em famílias pequenas, com até quatro membros (51,3%), representando um contexto familiar que acaba por estimular o retorno à educação. Assim, tem-se ainda uma parcela significativa (23,1%) morando sozinha e enfrentando desafios adicionais relacionados à conciliação de trabalho, estudo e responsabilidades pessoais.

Destaca-se que alto número de alunos (65) indicou posição neutra ou negativa em relação ao conhecimento sobre Educação Financeira, evidenciando que a maioria não possui entendimento sólido

de Educação Financeira. Apenas oito alunos demonstraram confiança no conhecimento adquirido, o que sugere um abismo no currículo.

Antes das aulas, 76,1% dos alunos afirmaram não ter habilidades em gestão de finanças pessoais, o que reflete a importância de um programa educativo estruturado que capacite os estudantes, que, como também foi ressaltado por Kaiser et al. (2022), majoritariamente entraram no curso com pouca ou nenhuma habilidade de gestão financeira.

A maioria dos alunos (63,4%) percebeu melhoria em seus conhecimentos de Educação Financeira posterior às aulas, significando impactos positivo e significativo nas aulas. No entanto, 28,2% dos alunos não perceberam melhoria considerável, apontando a necessidade de revisitar as metodologias de ensino para consolidar uma compreensão mais eficaz. Segundo Xisto (2020), a Educação Financeira formal é essencial para melhorar a compreensão e a gestão de recursos financeiros, especialmente em grupos vulneráveis como os alunos da EJA.

Assuntos como crédito, investimentos e aposentadoria foram vistos como os mais importantes pelos alunos, o que pode ser explicado pela necessidade de planejamento e segurança financeira identificada entre os estudantes da EJA. A referida valorização de temas práticos e diretamente aplicáveis à vida cotidiana é reforçada por Schotten et al. (2020), que enfatizam a importância de ensinar conteúdos que os alunos possam utilizar de forma imediata em suas vidas.

A maior parte dos alunos (62%) acredita que o conteúdo aprendido é aplicável e relevante para suas vidas, indicando percepção positiva sobre a utilidade do conteúdo ensinado. No entanto, 23% dos alunos não veem a aplicação do conteúdo como relevante, o que pode refletir desconexão entre o conteúdo aprendido e a vida prática.

De acordo com Xisto (2020), a aplicação eficaz do conhecimento financeiro exige não só a compreensão dos conceitos, mas também a habilidade de os implementar no contexto da vida real, algo que pode ser dificultado por fatores como baixa renda ou falta de apoio.

Os dados que apontam que uma parcela expressiva dos alunos não percebeu melhoria substancial no conhecimento financeiro sugerem a necessidade de aperfeiçoar as metodologias de ensino. A literatura sugere que métodos interativos e contextualizados, que levem em consideração a realidade dos alunos, são mais eficazes em promover a Educação Financeira (OECD, 2021).

Os itens "Crédito", "Investimentos" e "Aposentadoria" foram considerados de alta importância, indicando que os alunos valorizam a gestão financeira ativa e o planejamento de longo prazo. Em contraste, temas como "Seguro de assistência em longo prazo" e "Empréstimo para educação" foram percebidos como menos relevantes, o que pode indicar a necessidade de reavaliação da abordagem desses temas nas aulas, como também defendem Garg e Singh (2018) e Carvalho e Scholz (2019).

Foi possível extrair que, embora a maioria dos alunos tenha percebido melhoria em seus conhecimentos de Educação Financeira, ainda existem espaços significativos que precisam ser abordados. O predomínio de respostas neutras ou negativas em relação ao conhecimento prévio e à aplicação prática dos conteúdos aprendidos indica a necessidade de reforçar e adaptar as estratégias pedagógicas para assegurar que todos os alunos possam aproveitar plenamente as aulas de Educação Financeira.

A análise também sugere relevância de temas como crédito e investimentos, enquanto outros, como seguro de assistência em longo prazo, demandam abordagem mais contextualizada para aumentar seu valor percebido. Esses apontamentos são cruciais para a construção de um currículo que atenda melhor às necessidades dos alunos da EJA, proporcionando-lhes ferramentas determinantes para a gestão financeira e melhoria de sua qualidade de vida.

Os resultados alcançados nos 73 questionários aplicados aos alunos da EJA sobre Educação Financeira podem ser sustentados por várias discussões presentes na literatura acadêmica, que tratam as especificidades dessa modalidade de ensino, bem como os desafios e a importância da Educação Financeira.

A maioria dos alunos indicou desconhecimento ou compreensão superficial sobre Educação Financeira. Esse dado é consistente com a literatura que discute a alfabetização financeira em populações de baixa renda e baixa escolaridade. Estudos como o de Lusardi (2019) e Martins (2019) destacam que o desconhecimento em relação aos conceitos financeiros básicos é comum em populações menos favorecidas, o que reflete diretamente a capacidade desses indivíduos de tomar decisões financeiras informadas e eficazes.

Portanto, os resultados dos questionários são sustentados por alguns dos autores citados ao longo deste artigo, o que evidencia a importância de se adaptar a Educação Financeira ao perfil específico dos alunos da EJA, abordando tanto suas necessidades práticas quanto as barreiras que podem enfrentar na aplicação do conhecimento. A implementação de programas de Educação Financeira bem estruturados e sensíveis ao contexto dos alunos pode contribuir significativamente para melhorar sua capacidade de gerir recursos financeiros e, conseqüentemente, sua qualidade de vida.

Tanto os professores quanto os alunos reconheceram a importância da Educação Financeira na formação acadêmica e pessoal, sendo esse um ponto de concordância. Isto é, ambos os grupos podem ter concordado que o conhecimento em finanças pessoais é imprescindível para a vida cotidiana e para o futuro financeiro dos alunos, o que sugere convergência na percepção da qualidade e aplicabilidade do material.

Somente os professores entrevistados defendem a melhoria no comportamento financeiro dos alunos após as aulas de Educação Financeira, mas os estudantes, em sua maioria, não relataram mudança positiva expressiva nas práticas financeiras de suas vidas. Ademais, os professores acreditam que os alunos compreenderam bem o conteúdo, embora indicam que ainda têm dificuldades em certos tópicos, e isso representa divergência e sugere que os métodos de ensino precisam ser adequados para melhor atender às necessidades dos estudantes.

Os professores, no entanto, não se mostram satisfeitos com o método de ensino utilizado, bem como os alunos que acham as aulas enfadonhas ou difíceis de acompanhar. Os docentes demonstram acreditar que o método pode ser melhorado, e os discentes parecem preferir abordagens mais interativas ou práticas.

Os professores defendem que as aulas de Educação Financeira terão impacto sólido e os alunos também estão convencidos de que aplicarão esses conhecimentos no futuro, o que indica divergência nas expectativas de longo prazo.

5 CONCLUSÃO

Neste estudo, o objetivo geral foi demonstrar como a cultura da Educação Financeira, no contexto da EJA, contribui para o desenvolvimento de um comportamento de autogestão financeira entre os alunos a partir das percepções de professores e estudantes da Escola Estadual Três Poderes. Pode-se dizer que a pesquisa foi fundamentada em três objetivos específicos, que envolveram descrever a percepção dos alunos sobre o conteúdo abordado nas aulas de Educação Financeira; descrever a percepção dos professores sobre o que é explorado nas aulas; e, por fim, comparar essas percepções para uma análise crítica dos pontos fortes e fracos do ensino de Educação Financeira na EJA.

A partir dos resultados, foi possível constatar que tanto professores quanto alunos reconhecem a importância da Educação Financeira no desenvolvimento da autogestão financeira. Os alunos demonstraram entendimento básico sobre finanças pessoais, mas apresentaram dificuldades em aplicar esses conceitos de maneira eficaz na vida cotidiana. Muitos relataram que, embora entendam a importância de controlar gastos e poupar, as limitações econômicas e a falta de planejamento financeiro estruturado permanecem sendo desafios significativos.

Os professores, no entanto, evidenciam que, embora os conceitos fundamentais sejam abordados em sala de aula, existe uma lacuna entre o conteúdo teórico e a prática diária dos alunos. Além disso, os discentes citaram a necessidade de materiais didáticos mais contextualizados à realidade dos alunos da EJA, que muitas vezes lidam com múltiplas responsabilidades, como trabalho,

família e estudos. A percepção dos professores é de que, mesmo o conteúdo sendo pertinente, tem-se uma demanda por metodologias mais práticas e aplicáveis, que possam ser diretamente transpostas para o cotidiano dos alunos.

Com relação ao objetivo específico que se voltou a descrever a percepção dos alunos no que concerne ao conteúdo dado nas aulas de Educação Financeira, os alunos, em sua maioria, entendem as aulas de Educação Financeira como úteis, mas muitos sentem que os conteúdos abordados ainda são insuficientes para que possam aplicar, de modo efetivo, o que aprendem em suas vidas financeiras. Eles expressaram o desejo por mais exemplos práticos e representações que possam ser implementadas imediatamente, como estratégias de poupança acessíveis e métodos para o pagamento de dívidas. O referido feedback deixa clara a necessidade de uma abordagem pedagógica mais prática e voltada para a realidade financeira dos estudantes.

Entretanto, os professores defendem que o conteúdo explorado em sala de aula cobre os aspectos essenciais da Educação Financeira, mas reconhecem que os desafios enfrentados pelos alunos fora da escola limitam a eficácia desse ensino. Ademais, alguns professores ressaltaram que o tempo destinado ao tema é insuficiente para aprofundar os conhecimentos necessários para uma real transformação de comportamento financeiro. Também foi evidenciada a importância de uma formação continuada dos professores para que possam atualizar e diversificar suas abordagens pedagógicas, ajustando-se às necessidades específicas dos alunos da EJA.

Na comparação das percepções de alunos e professores, referindo-se ao terceiro objetivo específico, notam-se tanto convergências quanto divergências. Ambos os grupos trazem o reconhecimento da relevância da Educação Financeira, mas divergem quanto à adequação do conteúdo e à eficácia das aulas em promoverem adequações comportamentais significativas. Enquanto os professores sustentam que o conteúdo é adequado, os alunos sentem que precisam de mais ferramentas práticas para aplicar o que aprendem.

A mencionada divergência indica a necessidade de uma revisão curricular que inclua maior integração entre teoria e prática, além de diálogo constante entre educadores e alunos para adequar as metodologias de ensino às demandas reais dos estudantes. A criação de oficinas práticas e o uso de tecnologia e de recursos visuais, além de maior tempo dedicado ao tema, são estratégias sugeridas para reforçar o ensino de Educação Financeira na EJA.

No campo das contribuições organizacionais, vale ressaltar que é imprescindível que políticas públicas sejam desenvolvidas para assegurar a ampliação do tempo e dos recursos dedicados ao ensino de Educação Financeira na EJA, possibilitando que os alunos adquiram não só o conhecimento, mas também a confiança necessária para exercer uma gestão financeira eficaz em suas vidas. Este artigo

contribui para a compreensão do papel da Educação Financeira na EJA e sugere caminhos para que essa educação seja mais impactante e transformadora na vida dos alunos.

Destaca-se ainda que este estudo se baseou em questionários aplicados aos alunos e aos professores, o que, mesmo eficiente para a coleta de dados, pode não captar percepções mais profundas das percepções e sentimentos dos participantes. A subjetividade das respostas, influenciada por fatores como o contexto pessoal e emocional no momento da aplicação, pode ter impactado os resultados.

Outro ponto a ser considerado é o foco no conteúdo abordado nas aulas e nas percepções dos participantes, não trazendo análise mais detalhada das práticas pedagógicas específicas ou do currículo de Educação Financeira. Essa constatação acaba limitando a compreensão de como os métodos de ensino específicos refletem a absorção do conteúdo e a aplicação prática por parte dos alunos. Também não foram consideradas variáveis externas que podem influenciar o comportamento financeiro dos alunos, como a situação econômica do país, o acesso a recursos financeiros e o suporte familiar.

Em razão das limitações deste estudo, sugere-se que pesquisas futuras ampliem o escopo da investigação para incluir múltiplas escolas de diferentes regiões e contextos socioeconômicos. Essa sugestão permitirá uma análise comparativa mais ampla e contribuirá para a compreensão de como a Educação Financeira na EJA oscila em diferentes ambientes educacionais e culturais.

Acredita-se que seria positiva a realização de estudos qualitativos complementares, como entrevistas em profundidade ou grupos focais, que poderiam proporcionar compreensão mais rica e detalhada das experiências e percepções dos alunos e professores. Os métodos em questão podem revelar insights que não são captados por questionários, como os desafios emocionais e sociais enfrentados pelos alunos ao tentarem aplicar o que aprendem em sala de aula.

Por fim, pesquisas futuras poderiam, ainda, explorar a integração de novas tecnologias e metodologias de ensino na Educação Financeira, avaliando o impacto de ferramentas digitais, jogos educativos, e-learning e simulações financeiras na aprendizagem e aplicação prática do conhecimento adquirido pelos alunos. Essa linha de investigação pode identificar abordagens inovadoras que potencializam a eficácia do ensino de Educação Financeira para o público da Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, R. De S., LOPES, J. R. M., De LAMES, E. R., MACHADO, R. De Q., & LAMES, L. Da C. J. (2018). Influência do curso de Administração nas finanças pessoais de seus alunos. *Acta Negócios*, 1(2)79-106
- CHEROBIM, A. P. M. S. (2020). *Finanças pessoais: conhecer para enriquecer*. (2. ed.) São Paulo: Atlas.
- BAVARESCO, J. (2021). *EF na escola*. (1. ed.). Jundiaí [SP]: Paco. 196 p.; 21 cm.
- BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. *Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC)*. São Paulo, Atlas, 2008.
- BUSS, L. D. S., & AMORIM, G. V. D. (2020). *Educação financeira: a importância da sua inclusão no processo de ensino aprendizagem desde o ensino fundamental*. Matemática-Tubarão.
- CAMPOS, M. B. (2021). *EF na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados*. (Versão Eletrônico). Recuperado de: https://www2.ufjf.br/mestradoedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Marcelo-Bergamini-Campos.pdf.
- CARVALHO, L. A., SCHOLZ, R. H. (2019). *Se vê o básico do básico, quando a turma rende”: cenário da Educação Financeira no cotidiano escolar*. (2. ed.). São Paulo: Atlas.
- FLORES, S. A. M., VIEIRA, K. M., & CORONEL, D. A. (2023). Influência de fatores comportamentais na Propensão ao Endividamento. *Revista de Administração Faces Journal*, v. 12(2).
- FUTURA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL. *EJA e os desafios de inclusão e permanência agravados pela pandemia*. (2022). Recuperado de: <https://futura.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/noticia/eja-e-os-desafios-de-inclusao-e-permanencia-agravados-pela>.
- GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2022, p. 44-45.
- GARG, N., SINGH, S. (2018). Financial literacy among youth. *International Journal of Social Economics*, v. 45(1), p. 173-186.
- GONÇALVES, Amanda Melchiotti; DEITOS, Roberto Antonio. Competências gerais da base nacional comum curricular (BNCC): aspectos teóricos e ideológicos. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 52, p. e10678, 2020. DOI: 10.5585/eccos.n52.10678. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/10678>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- GOYAL, K., & KUMAR, S. (2021). Financial literacy: a systematic review and bibliometric analysis. *International Journal of Consumer Studies*, v. 45(1) 80-105.
- HURTADO, A. P. G., & FREITAS, C. C. G. (2020). A importância da EF na EJA. *Revista de Educação Popular*, v. 19(3)56-76.

KAISER, T., LUSARDI, A., MENKHOFF, L., & URBAN, C. J. (2020). Financial education affects financial knowledge and downstream. Global Financial Literacy Excellence Center.

KAISER, T., LUSARDI, A., MENKHOFF, L., & URBAN, C. (2022). Financial education affects financial knowledge and downstream behaviors. *Journal of Financial Economics*, 145(2)255-272.

KLAPPER, L., & LUSARDI, A. (2020). Financial literacy and financial resilience: evidence from around the world. *Financial Management*, v. 49(3)589-614.

KISTEMANN Jr., M. A., & XISTO, L. P. (2024). Educação Financeira com estudantes do 2º ano do Ensino Médio da EJA (EJA) no município de Irupi-ES. *Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática*, v. 24(1) 41-69.

LEITÃO, C. (2021). A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. *Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação: Abordagem qualitativa de Pesquisa*, v. 3.

LIMA, A. O. A EJA E O TEMPO: A NEGAÇÃO DA COETANEIDADE DE UMA POLÍTICA PÚBLICA EDUCACIONAL. *Revista Científica de Educação*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. e021026, 2022. Disponível em: <https://seer.facmais.edu.br/rc/index.php/RCE/article/view/61>. Acesso em: 03 jan. 2024.

LUSARDI, A. (2019). Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications. *Swiss Journal of Economics and Statistics*, v. 155(1)1-8.

LUZ, E. J. F., AYRES, M. A. C., & MELO, M. A. S. (2019). Orçamento Familiar: uma análise acerca da EF. *Humanidades & Inovação*, v. 6(12) 206-218.

MARTINS, J. P. (2019). *Educação Financeira ao alcance de todos*. São Paulo: Fundamento Educacional.

MELO, J. M. (2019). *Educação Financeira: estudo comparado entre discentes de ciências contábeis, administração e direito*. Rio de Janeiro: Elsevier.

MINEIRO, K. M. L., & MAZZER, L. P. (2020). Contabilidade Gerencial: um Estudo Bibliométrico e de Redes Sociais na Produção Científica Publicada nos Periódicos Nacionais de Contabilidade. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 2020, São Paulo, SP, Brasil. Anais... São Paulo.

NEGRI, A. L. L. (2020). *EF para o Ensino Médio da Rede Pública: uma proposta inovadora*. 73 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNISAL, Americana, SP.

OCDE. (2021). *Building the future of education*. Recuperado de: <https://www.oecd.org/education/future-of-education-brochure.pdf>.

RAMON, R., & TREVISAN, E. (2019). EF: um comparativo entre estudantes de escolas públicas e privadas. REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, [S. l.], v. 7(2) 109-126.

SANTOS Seixas, G., SANTAROSA, M. C. P., & FERRÃO, N. S. (2020). Educação Financeira na EJA: proposta de uma sequência didática à luz da Teoria da Aprendizagem Significativa Crítica. Research, Society and Development, v. 9(11).

SANTOS, L. R. A. dos. (2018). Educação Financeira Escolar na EJA: discutindo a organização orçamentária e a gestão de pequenos negócios informais. Belo Horizonte: Atlas.

SCHOTTEN, Paulo César et al. (2020). EF. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO – Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), 1. Anais... [S.l.], v. 4, n. 1.

SILVA, Jaqueline Luzia da; BARBOSA, Carlos Soares. CONTRADIÇÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO REMOTA. ETD - Educ. Temat. Digit., Campinas, v. 24, n. 1, p. 14-31, jan. 2022. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922022000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 2 dez. 2024.

TEIXEIRA, J. (2015). Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre EF e Matemática Financeira. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em Administração. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006

VIANA, W. Felix, SILVA, J. R. Da, & RUFINO, M. A. da S. (2023). Uma formação para EJA sobre EF aportada na Etnomatemática e na Teoria da Aprendizagem Significativa. Série-Estudos, v. 28(64) 267-288.

VASCONCELOS, M. A. de O. (2018). O Nubank contribui para a Educação Financeira dos seus usuários? São Paulo: FGV.

XISTO, L. P. (2020). Educação Financeira na EJA (eja): buscando uma visão empreendedora para estudantes adultos no município de Irupí-ES. São Paulo: FGV.